

Da historia.

Quando tentamos penetrar o mundo dos pensadores relativamente tao recentes como os ~~os~~ filósofos e os poetas do século 18, (para calar de pensadores mais distantes no tempo), raras vezes nos damos conta da fantástica diferença de dimensões entre aquele mundo e o nosso. O mundo de um Kant, um Hegel, um Goethe é tao reduzido em espaço e em tempo, se comparado com o nosso, que essa diferença quantitativa invade todos os seus aspectos, torna-se qualitativa, e isto de maneira tao inconsciente, que necessitamos de um violento esforço mental para torna-la patente. Tudo que esses pensadores nos dizem tem por sistema de referencio esse mundo em miniatura, e pode ser compreendido realmente, isto é historicamente, sómente em função desse mundo em miniatura. Isto é verdade até com problemas que aparentemente nada tem a ver com as dimensões do mundo. A monadologia de Leibnitz, a epistemologia de ~~Wang~~ Kant, as teorias esteticas de Schiller nao se referem menos a esse mundo reduzido que a filosofia da historia de Hegel ou de Fichte. Se aplicamos essas ideias ao mundo expandido dos nossos dias, se as projetamos sobre o nosso sistema de referencias, elas sofrem uma distorção grotesca como a Groenlandia nos mapas de projeção Mercator. Uma conversação nossa com os pensadores do passado é portanto, a priori, viciada por uma fonte de malentendidos básica, pela diferença dos sistemas de referencia subentendidos. Em consequencia, existem duas formas possíveis de conversação com os antigos: uma é a nossa voluntária submissao ao sistema de referencia do passado, a outra é a tentativa de tradução das vozes do passado para a linguagem de hoje. Ambas são dificílimas, porque exigem de nós o quase impossível: a saber o conhecimento do ciente do nosso sistema de referencia e a força de vontade e de imaginação de abandonar-lo. A primeira forma de conversação, isto é a nossa volta ao passado, resultará em conhecimentos meramente documentários, terá interesse meramente arquivista. A segunda forma de conversação, isto é o transporte dos nossos maiores para cá, para o hic et nunc, resultará em conhecimentos pragmaticamente valiosos. Essa forma de conversação, esse transporte, essa tradução, é, na opinião de Dilthey, o verdadeiro e único papel da filosofia. Isto porque o hic et nunc, portanto o conjunto do atual e atuante, em outras palavras o conjunto da realidade (atuante = Wirklichkeit), nao passa, no fundo, do conjunto de fenomenos historicos assim transpostos, transportados, traduzidos. Trata-se, como estao vendo, um conceito muito sutil e refinado tanto da historia como da realidade, e confesso que nao consigo penetra-lo em toda a sua riqueza e profundidade. Tenho a impressão que Dilthey abriu uma nova perspectiva sobre os problemas da filosofia geral, e que plantou os sementes de um novo método de filosofar, e que essa perspectiva ainda nao foi explorada, nem foi dada a oportunidade a essa semente de germinar, e que portanto Dilthey ainda pertence ao futuro. Ele representa, ao meu ver, um desafio à nova geração, desafio esse que agora lhes lanço. Serei muito economico, hoje, na minha tentativa de expor os resultados das especulações diltheyanas, porque as considero de importancia secundaria, se comparado com a mentalidade da qual eles brotam. Voces se lembraram que, quando falei em Husserl, disse a mesma coisa. Esses dois pensadores do século passado são, conforme creio, precursors ainda incompreendidos e que se acham na situação de um Kierkegaard há 50 anos. Pretendo portanto dedicar a maior parte desta noite à tentativa de iluminar os problemas que deram origem a essa mentalidade nova. Eu falei da fantástica diferença de dimensões entre o nosso mundo e o mundo dos pensadores do século 18. Falamos sómente de uma dessas dimensões, a saber do tempo. Tentem imaginar o que quer dizer viver num mundo que começou há aproximadamente duzentas gerações, um mundo portanto, dentro do qual a árvore genealógica de cada um de nós é, pelo menos em teoria, perfeitamente conhecida. Trata-se de um mundo em família, somos todos realmente, senao irmãos, pelo menos primos. O mundo inteiro nao passa de uma mansão, um tanto ampla, é verdade, mas perfeitamente adequada em tamanho, a ser habitada pela familia humana. Essa mansão foi construída pelo pai de família com a finalidade evidente de ser habitada, mobiliada, equipada de conveniências e melhoramentos, pelos seus filhos. E nesse mundo-mansão que viveram os homens do século 18, e tudo que dizem e fazem se refere a ele. Os seus esforços politicos são esforços de pôr ordem em casa, parar com as brigas na familia, e colocar à disposição de cada subfamilia, chamada nação ou classe (état général, como diriam eles), o seu respectivo quarto, copa e cozinha. Os seus esforços economicos e técnicos são esforços para manter a mansão em bom funcionamento e equipá-la de luz elétrica e aquecimento. Os seus esforços científicos são esforços de descobrir o plano de construção da mansão e as regras às quais a construção obedeceu. Os seus esforços esteticos são comparáveis aos de um arquiteto que quer harmonizar a mobília com o estilo da casa. A sua ética é a tentativa de descobrir os regulamentos internos da mansão cósmica que habita. A sua epistemologia é a tentativa de fundamentar racionalmente a sua posição d

tro do edificio cosmico e em face dos demais habitantes. A sua metafisica e a tentativa de olhar pela janela afora e entrar em contato com aquelas forcas beneficicas e diabolicas que rondam o terreno. A sua tecnologia e o esforço de trazer conhecimento com o pai de familia e construtor da mansao, de ama-lo, e, desta maneira, adquirir uma relacao autentica com os demais habitantes da casa, filhos do mesmo pai, e, portanto, visinhos de quarta. E a partir desse mundo "cosy" e em miniatura que nos falam Kant e Hegel.

Tentem agora imaginar a nossa dimensao do tempo. Já que a nossa unidade de medida e por força a mesma de sempre, isto e a vida humana, nao faz a minima diferenca se a duracao do mundo for fixada pela nossa ciencia em um milhao ou um trilhao de gerações, será igualmente desumana. Ela ultrapassa de longe nao tanto a nossa capacidade de comprensao, como nossa capacidade de vivencia e de simpatia. Dada a limitacao de vivencia e de simpatia nada temos em comum com os nossos antepassados tao recentes como o sao os seres há cem mil gerações atraz, para cobrir os nossos antepassados mais longinuos com o manto do silencio indifferente. O mundo, em sua antiquidade desumana, nao nos e adequado. Muito pelo contrario, ele tem dimensoes absurdas e a nossa situacao nele e absurda. Já que fomos jogados para dentro dele, nao podemos ser indifferentes em face dele, ele nos oprime e nos e inimigo. Um construtor de um mundo assim, (se e que existe), nao pode ser um pai num sentido familiar, nao se parece conosco, e totalmente diferente. Esse mundo, dentro do qual vivemos há cento e cinquenta anos e que nos revele novas faces sempre mais absurdas e portanto horriveis, nos força a nos recolhemos sobre nos mesmos, a procurarmos refugio num cantinho para nao sermos esmagados, em breve, nos força ao existencialismo. Tudo o que nos dizem os pensadores do século 18 sobre a ordem no mundo, sobre o progresso da humanidade dentro dele, sobre a fraternidade dos homens, sobre o sentido da vida humana, nao passa de chavao, de "catchword" ridiculamente inadequado a situacao na qual nos encontramos. A propria figura do Cristo, que, para os pensadores passados, representava uma cesura na corrente das gerações, dividindo a historia da humanidade, e portanto do mundo, no meio, marcando o centro dos acontecimentos entre o começo e o fim do mundo, nao passa, para nós, de um patético acontecimento recentissimo, o qual, pela sua mera posicao dentro da corrente do tempo, perde a sua significacao central salvadora e deixa de ser a alegria dos homens. Dilthey foi o primeiro a ver claramente essa relatividade historica de todas as verdades, de compreender a sua horrorisidade, e de se insurgir contra ela. Ele creu que há um método de atualizar Kant e Hegel, o Cristo e, creio eu, a ameba, tornar todo o passado atual e atuante, e desta forma dar um sentido a vida humana; o que equivale dizer atualizar e tornar atuante (wirklich machen und verwirklichen) o divino. Esse método e a traducao para o hic et nunc, e a reinterpretacao sistematica do passado em termos do presente. Essa reinterpretacao e aquilo que Dilthey chama de "Geisteswissenschaft", a ciencia do espirito, a única que investiga a realidade. Sob a luz dessa investigacao Kant, por exemplo, readquire um significado. Lido tal como foi escrito, aceito ad litteram, ele nao passa de um amontoado de frases de interesse antiquario, sem significado. Reinterpretado e atualizado, ele se torna atuante e participa da nossa conversacao de forma significativa.

E dificil precisar em que reside esse método e isto e, conforme creio, um grave defeito. Mas penso com os meus botões que ele deve ser aplicado em conjunto com o método fenomenológico para trazer resultados. Confesso que durante as quantas feiras do ano passado me esforcei por aplica-lo e era por isto que preferi tratar de conceitos ao emvez de pensadores. Quando, por exemplo, falei em hybris tentei atualiza-la para torna-la atuante. Poderao Vocês julgar a eficiencia do método, embora limitada pelos meus recursos restritos, pelos resultados por mim alcançados.

Tentarei agora de lhes dar alguns dos resultados que Dilthey diz ter conseguido pelo método acima esboçado. Diz ele que existem tres tipos de revelacao autentica da natureza humana na historia do Ocidente, soa, por assim dizer, as tres constantes da historia do Ocidente. A saber: materialismo = positivismo, idealismo objetivo, e idealismo da liberdade. Nenhum, destes tres tipos, sozinho, representa a totalidade do espirito, mas cada um revela um lado autentico do espirito humano. Tomadas em conjunto, isto e sob investigacao historica, revelam a totalidade do espirito, portanto e o estudo da historia e unica verdadeira psicologia. Conseguimos integrar, dentro do nosso espirito, esses tres tipos, graças ao estudo "comprensivo" (verstehend) da historia, e, integrando-os, os superamos. Somente assim integrados alcançam seu verdadeiro significado, hic et nunc, tornam-se atuantes, (wirklich), e dao um sentido a nos-

de vida. Compreendemos que toda a história sómente tem uma meta, um único sentido, a saber integrar-se dentro do nosso espírito hic et nunc, para atualizar-se. Sómente dentro do nosso espírito, assim integrada, a história tem significado. Em si, objetivamente, tomada como extra-espiritual, a história não tem significado. Falando sensu stricto, fora do meu espírito a história, portanto o mundo, não é real, (wirklich), já que não atua. Por outro lado o meu espírito não passa de uma história integrada e portanto superada. Fora da história o meu espírito não tem realidade. A imagem que, creio, Dilthey tinha em mente é aproximadamente a seguinte: A história é uma infinidade de fios, dentro da qual se distinguem os tres fios mestres que acabo de mencionar, que convergem todos para o meu espírito para realizar-se. O meu espírito não é algo objetivo, e sim o ponto que surge quando esses fios se encontram. Quando este ponto é alcançado, portanto o hic et nunc, surge o Eu e a realidade. Eu sou portanto resultado da história e também a sua completação, a sua meta alcançada. O estudo da história é portanto, visto como investigação dos fios, o conjunto e a superação das ciencias naturais, e visto como investigação do ponto de convergência, é a psicologia perfeita e superada. Natureza é história em statu nascendi, espírito é história superada e atualizada, e o estudo da história é o conjunto do estudo da natureza e do espírito em sua forma atuante, é a verdadeira filosofia.

Se é que entendi bem o pensamento de Dilthey, e se o desenhei um pouco fielmente, surge como que automaticamente a sua epistemologia. Trata-se de uma epistemologia empírica, para não dizer pragmática, que está em conflito violento com a empírica das ciencias naturais, e a combate. As ciencias naturais com seu método indutivo não revelam senão as sombras da realidade, os resíduos da história, revelam, em outras palavras, justamente aquilo que não é histórico, os fenômenos repetitivos. Revelam, como diria Bergson, a irreabilidade da geometria. O método empírico diltheyano, o método das chamadas "ciencias do espírito", revelam um conhecimento autentico da realidade, porque revela a vivencia da história, intuitivamente, como diria Bergson. Esse método, não é, entretanto, o único legítimo epistemologicamente. Há, ainda, o método da arte intuitiva e da intuição religiosa, que, além também, revelam a realidade como história atualizada e atuante. Automaticamente surge também a sua ontologia. Trata-se de uma especie curiosa de idealismo, dentro do qual a história tem o papel da vontade schopenhaueriana. O conceito diltheyano ~~xxx xixx~~ da história não fica tao distante da vontade schopenhaueriana como pode parecer à primeira vista, já que o próprio Dilthey identifica repetidas vezes história com vida. Surge ainda automaticamente a sua ética e seu conceito de liberdade. Os valores são relativos a situação atual e atuante da cultura e da civilização na qual me encontro, não existe uma escala de valores objetiva. A liberdade consiste na minha possibilidade de sintetizar a história cujo resultado sou e dar-lhe o meu curso. Como Você está vendo, não creio que as conclusões às quais Dilthey chega sejam realmente originais ou importantes. Ele é um entre os demais filósofos de vida, portanto estou de propósito minimizando o seu sistema. Repito que sua importancia está em sua mentalidade e no método por ele proposto.

Veja agora que foi um erro ter tratado de Bergson antes de Dilthey. Creio que sómente agora podem Você avaliar o conceito bergsoniano de duração, de razão e de intuição, resultados que são de Dilthey. Creio, entretanto, que Bergson não compreendeu Dilthey e que não sabe aproveitar o método diltheyano. Tao pouco souberam Spengler e Toynbee avaliar a força inerente nesse novo conceito de história e de historicidade. Existe entretanto um pensador, o genro de Dilthey, Misch que, para mim, revelou a enorme riqueza do mundo diltheyano em seu livro: As origens da filosofia. Não se trata, como talvez possa lhes parecer, de uma simples tentativa de superar os sistemas filosóficos do passado, sintetizando-os eclecticamente. Trata-se de reinterpretar os sistemas do passado dentro de uma Weltanschauung atualizada e atuante. A palavra "Weltanschauung" é uma invenção do romantismo, mas foi Dilthey que, pela primeira vez, lhe deu significado epistemológico. O que Dilthey nos oferece, não é tanto um sist. de filosofia, mas uma Weltanschauung. É uma Weltanschauung tipicamente ocidental, e tipicamente do começo do nosso século, uma Weltanschauung situada dentro da historicidade. O materialismo, o idealismo objetivo e o idealismo da liberdade nela se acham integrados, mas a tornam por assim dizer transparentes, porque revelam a sua validade histórica, isto é pragmática. São filosofias pragmaticamente válidas, cada uma por si, e cada uma por sua vez, falando historicamente, cada uma delas se acha atualmente superada, mas de tal forma, que, todas elas tomadas em conjunto, representam a verdade pragmática da atualidade. Os representantes típicos do materialismo são, para Dilthey, Demócrito e Comte, do idealismo objetivo Heráclito

Da historia.

to, Leibniz e Hegel, do idealismo da liberdade Platon, os cristaos e Kant. Cada um deles representam uma Weltanschauung ultrapassada. Tomados em conjunto, reinterpretados dentro de meu espirito hic et nunc, representam a minha Weltanschauung. Automaticamente, essa minha Weltanschauung, por fixar a minha situacao historica, e valida, e verdadeira.

Se compararmos esse conceito da historia como uma convergencia de todas as tendencias sobre um ponto, a saber sobre o hic et nunc, com o conceito objetivista digamos classico, de um Hegel e Marx, verificamos que a historia em Dilthey se torna vivencia, torna-se identica com a minha existencia pura e simplesmente. Eu sou um produto da historia, e estou jogado dentro dela, ela me circunda. Historicam queris? Circumspice. Em Hegel e Marx a historia consiste de uma serie de "acontecimentos historicos" perdidos, dos quais se conservou somente a ultima sintese dentro da qual se encontra. (Para nao falar da simplificacao dos processos historicos que estes dois pensadores estipulam). Em Dilthey toda a historia esta crescendo em mim, em toda a sua tendencia humana. Posso dizer que em mim, e somente em mim, os antigos gregos, e os Cro-Magnon, e a umbra primordial e o primeiro atomo de hidrogenio, se tornam atuais e atuantes. Diante essa dramaticidade da historia como vivencia diaria Hegel e Marx empalidecem. Falando marxisticamente, eu sou a ultima sintese da historia, eu sou resultado de todas as inumeras teses, antiteses e meios-teses, se me permitem essa palavra. Enfim eu sou aquilo que Marx chamaria de sociedade perfeita. Como Vocês vem, chego a um individualismo extremado, diametralmente oposto ao marxismo.

E o futuro? Al esta uma pergunta que, falando, pragmaticamente, representa um tipico barulho. Ou, falando existencialmente, o futuro como de si e, tal qual a morte, um Unding, nao e coisa. nao pode ser "unbedingt" obrigatorio, e portanto nao existe. Ressurge, em estado onirico, o nada. Posso dizer empiricamente, pela empiria das ciencias naturais, que eu tambem contribuo para a corrente da historia, mas essa minha afirmacao sera novamente ignorada. Trata-se de uma empiria falsa, ja que nao ha metodo para verificar o que acontecerá depois de eu. Como se vê, Dilthey e pragmaticamente mais radical que James ou Dewey.

A mentalidade diltheyana e uma mentalidade civilizada, tem tolerante respeito a de James, sabem que anti-cientificas radicalmente. Entretanto, e uma mentalidade de soberba tremenda. O eu erubescer de Nietzsche e substituido por uma super-eu, e Deus esta mais morto de que nunca. Esse fato nao e diminuido pelo reconhecimento da intuicao religiosa como fonte autentica de conhecimento. Muito pelo contrario, a religiao se transforma, ela tambem, em insouciance. E principalmente por causa disto que chama a Weltanschauung de Dilthey a "etica do começo" do século vinte. Dilthey e religioso abusando da religiosidade.

Deixo aqui a discussao que segun reveladas as fontes e os escritos de Dilthey. Repito, entretanto, que creio que a sua insouciance esta no futuro, (para falar anti-diltheyanamente), e acho que este objecto seja tratado em consideracao nos comentarios sobre os textos.